



**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**Cinemateca Júnior**  
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

**LANDFILL HARMONIC / 2015**  
**(“A Orquestra da Lixeira”)**

**Realização:** Brad Allgood, Graham Townsley, Juliana Penaranda-Loftus (co-realizadora) / **Argumento:** Alejandra Amarilla / **Fotografia:** Neil Barrett, Timoty Fabrizio, Brad Allgood / **Música:** Michael A. Levine / **Montagem:** Brad Allgood

**Produção:** Juliana Penaranda-Loftus, Jorge Maldonado (co-produtor) / **Produtoras:** Meetai Films, Bella Voce Films, Eureka Productions, Hidden Village Films / **Produção Executiva:** Alejandra Amarilla, Rodolfo Madero, Belle Murphy / **Cópia:** Digital, 84 minutos / **Estreia Mundial:** 18 de março de 2015 (Estados Unidos, festival South by Southwest) / Inédito comercialmente em Portugal, primeira apresentação na Cinemateca.



A história contada por este documentário parece quase demasiado fantástica para ser verdade: no Paraguai, crianças que vivem junto a uma lixeira aprendem música e formam uma orquestra filarmónica que acaba por correr mundo, tocando em instrumentos feitos de materiais retirados do lixo, com a ajuda de um professor de música empenhado e idealista, de um “catador” de lixo engenhoso, e de boa parte da comunidade local. E, no entanto, esta é a história real da Orquestra de Instrumentos Reciclados de Cateura, contada com as palavras e imagens da vida dos seus protagonistas.

Logo na introdução o filme mostra-nos, alternadamente, imagens de dois mundos muito diferentes: o do grande espetáculo musical e o de um modesto trabalhador manual que, de madrugada, prepara o chá numa casa sem eletricidade ou água e, depois de algumas operações na sua improvisada oficina de carpintaria, caminha para a grande lixeira mesmo ao lado, onde inicia, com muitas outras pessoas, mais um dia de

trabalho. Saberemos depois que este é “Cola”, o responsável pela construção dos instrumentos com materiais “reciclados”, mas que funcionam mesmo.

Podemos ler logo em seguida que estamos no aterro de Cateura, vizinho de Asunción, a capital do Paraguai, junto ao qual vivem 2500 famílias, que retiram do lixo o seu sustento. São os “gancheros”, o seu trabalho consiste em separar manualmente, com a ajuda de um simples gancho, resíduos que vendem para reciclagem. Ficamos também a saber que a área, nas margens do rio Paraguai, é considerada inabitável, devido ao risco de inundações (veremos mais adiante a importância deste facto).

Somos depois apresentados a Favio Chávez, o professor de música e o grande responsável pela existência desta orquestra. Chegou a Cateura em 2006, para trabalhar num projeto de educação ambiental que não vingou, e acabou por ficar como professor de música dos filhos dos “gancheros”, para que não aconteça que por terem nascido “no lugar errado”, não tenham direito a sonhar. Para além de música, ensinou-lhes coisas importantes como, que numa orquestra (como fora dela) todos são diferentes e todos têm valor e que, se todos se esforçarem e se ajudarem mutuamente, podem-se alcançar resultados belos e dignos de reconhecimento.

Ao longo do filme, vamos conhecendo algumas crianças da orquestra e familiares, o seu modo de vida e as suas lutas. Como Ada, cuja avó gostava de ter sido cantora, e cujo pai gostava de ter tido uma banda de “Metal”, e por isso inscreveram Ada nas aulas do professor Favio. Ou a reservada Tânia, cujo pai saiu de casa e que toma conta dos irmãos mais novos quando a mãe sai para trabalhar. Vamos também acompanhando os ensaios e as apresentações da orquestra, primeiro no Paraguai depois noutros países, com as viagens e descobertas dos jovens, e a apreciação dos espectadores e de outros músicos. E finalmente os sonhos e projetos que muitos se atrevem a acalantar, como estudar medicina, ser um músico profissional ou ensinar música às outras crianças.

O filme conta esta história de forma simples e linear, mesmo despretensiosa. As pessoas, o seu trabalho e as suas dificuldades e tenacidade são mostradas de uma forma direta e crua, mas sempre com respeito e mesmo admiração. Com atenção e delicadeza, faz-nos descobrir valor, utilidade e beleza nos habitantes da lixeira e no próprio lixo, contra todas as expectativas. Apesar de tudo o que deixa por contar, transmite a missão e a mensagem do professor Favio, resumida por ele na apresentação do concerto, perto do fim do filme:

“Mostrar que a cultura é uma necessidade básica. Que a música pode mudar vidas. E que ainda que alguém tenha condições muito desfavoráveis na vida, não pode deixar de sonhar. E que não ter nada não é desculpa para não fazer nada.”

São palavras difíceis, mas depois de tudo o que vimos do professor Favio, certamente estamos dispostos a ouvi-lo com respeito.

M Jesus Lopes